

ARTISTAS BRASILEIROS

DEDALUS - Acervo - MAC



21500006162

CLAUDIO
T O Z Z I

l e i l a
kiyomura

b r u n o
giovannetti

(organizadores)



ed^{usp}

imprensaoficial



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-reitor

Adolpho José Melfi
Hélio Nogueira da Cruz



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente José Mindlin
Vice-presidente Laura de Mello e Souza
Brásílio João Sallum Júnior
Carlos Alberto Barbosa Dantas
Carlos Augusto Monteiro
Franco Maria Lajolo
Guilherme Leite da Silva Dias
Plínio Martins Filho

Diretora Editorial Silvana Biral
Diretora Comercial Ivete Silva
Diretor Administrativo Silvio Porfírio Corado
Editores-assistentes Marilena Vizentin
Carla Fernanda Fontana
Marcos Bernardini



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

Governador
Secretário-chefe da casa civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira



IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Hubert Alquéres
Diretor vice-presidente Luiz Carlos Frigerio
Diretor industrial Teiji Tomioka
Diretora financeira e administrativa Nodette Maneri Peano
Núcleo de projetos institucionais Vera Lucia Wey

UM MOSAICO DA MEMÓRIA

Nos últimos anos de 1960, um jovem estudante de arquitetura se agitava e corria pelas ruas de São Paulo, fotografando as multidões em passeatas de protesto.

Claudio Tozzi lançava um olhar atento e comprometido com o momento, fixava flagrantes do contemporâneo conturbado. As fotos, segundo seu proceder minucioso, eram trabalhadas em laboratório, para chegar às margens em altocontraste recortadas, montadas e justapostas. Também assim procedia com outras fotos apropriadas de jornais e revistas. Compareciam em sua pintura, imediatista, em termos de comunicação de massa, imagens do momento, de forte caráter semântico, constituindo-se em uma iconografia urbana.

Seus trabalhos são narrativas de vivências daquele período, compondo-se em séries, como quadros de histórias em quadrinhos, não indiferente à produção de arte *pop* norte-americana, em particular de Roy Lichtenstein.

Tozzi atuava com os meios de comunicação de massa, lançava mão de imagens que circulavam na paisagem urbana, verdadeiros

ready-mades visuais. Utilizava tintas para pintar placas de ruas e sinais de trânsito, em cores escuras e chapadas – vermelho, amarelo, branco e principalmente o preto. Trazia também para as obras, como Lichtenstein, as marcas do tratamento fotográfico – as retículas ou granações do *offset* fotográfico.

Sua narração se desenvolvia em séries, *Guerra do Vietnã*, *A Fome (de Biafra)*, os terrores da cidade paulista na série *O Bandido da Luz Vermelha*, a homenagem comovida ao revolucionário em *Guevara Vivo ou Morto*, a conquista da Lua em *Astronautas*, a crítica ao poder militar na série *Parafusos*, a perda do sentido da vida e da direção das massas na série *Escadas* (que levam a lugar nenhum).

No trato da linguagem da pintura, fez pesquisas sobre a função da cor, na trama da composição. Na série *Cor/Pigmento/Luz* – as áreas cromáticas chapadas – onde a cor é cor-pigmento depositada na superfície e é também cor-luz, materializando os raios de luz colorida no suporte como pequenos pontos. Esta configuração

152.3241

“pontilhista” se verifica na continuidade da pintura de Tozzi, a partir de 1971, em *Escadas*, instaurando-se como uma metodologia, fruto de sua formação e atuação como professor de “Estrutura de Linguagem Visual” na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. A trama de pontos, tons da mesma cor, traz uma possibilidade de soma óptica de exercício de *gestalt* para o observador de luz.

O artista atingiu um grande rigor na linguagem da pintura somada à poética pessoal ancorada no momento, uma interação entre a razão e a emoção. Em *Figurações (30 Anos na Arte Brasileira)*, as obras de Tozzi estabelecem um diálogo entre dois momentos diferentes de seu percurso artístico.

A série *Astronautas*, 1969/1980, e o desenho *A Subida do Foguete*, 1969 – prêmio da IV Jovem Arte Contemporânea –, obras da coleção do MAC-USP, ocupam ponto central do espaço.

Em torno do tema da chegada do homem à Lua, das viagens interplanetárias, o artista destaca como grandes personagens o homem e a máquina – o astronauta e o foguete –, em contraposição às séries anteriores, nas quais se viam paisagens urbanas e a massa popular densa e agitada nas ruas, apresentando-se densas áreas pretas. O foguete manifesta-se no desenho como um novo habitáculo do ser, incorporado à paisagem urbana na escala do edifício e junto às ruas, sobe do centro de uma cidade num *insight* especial. Os astronautas, em serigrafias, são tratados com traços redondos, consoante à questão de falta de gravidade, ao ar rarefeito, com cores luminosas e

contrastantes. Desenho e serigrafias refletem o encaminhamento do artista em busca de mais leveza e luz para seus trabalhos. A partir destes, o público pode observar como o artista trabalha num determinado momento e como sempre decide operar com meios que interagem com sua percepção do tema do aqui e agora.

Pode o olhar do público se encaminhar para as grandes pinturas em torno da série *Rememorações*. Estas obras, de 1998, fazem forte referência aos idos de 1968, à edição do Ato Institucional nº 5, o AI-5, e às restrições dos direitos da cidadania.

Claudio Tozzi quer relembrar para outras gerações, em grandes painéis, um mosaico ou quebra-cabeça da memória, com macro ou micropeças assinaladas sabiamente. Projeta a composição, justapõe, contrapõe imagens, fragmentos do passado para o futuro. Revela ao público, de outra geração, cenas de resistência, opressão, angústia e coragem. Comparecem as imagens das séries *Multidões*, *Parafusos* (sobre cérebros), as *Escadas* sem destino e derivadas das passagens (da rosca) do parafuso.

Seguindo sua sapiência e o rigor da linguagem da pintura, Tozzi estrutura a composição, com dinâmicas de formas e cores-tons diferentes, diagonais e recortes ortogonais. Trabalha com grupos de cores das quais derivam tonalidades de diferentes intensidades, no jogo de exaltar ou rebaixar os tons.

DAISY PECCININI